

Comunicação e cidadania para além da inclusão

Communication and citizenship beyond inclusion

■ **Giuseppa M. D. Spenillo, Tiago E. Rocha da Silva**

Universidade Federal Rural de Pernambuco (Brasil)

Fecha de recepción: 23 de marzo de 2015
Fecha de aceptación: 16 de junio de 2015

DOI: <http://dx.doi.org/10.15304/ricd.1.2.2665>

Resumo

Num momento em que vozes se fazem sentir por todo o planeta denunciando condições adversas à prática democrática da cidadania e à realização dos ideais de igualdade e liberdade (Castells, 2012), jovens do mundo todo aparecem nas esferas públicas como forças sociais que articulam e provocam mudanças. Neste artigo propõe-se um recorte micro sobre este fenômeno social, trazendo à discussão uma intervenção de comunicação comunitária com jovens, realizada em 2014, em Caruaru/Brasil. A metodologia buscou promover uma extensão ao reverso, por meio da pesquisa-ação e da escuta profunda de jovens, praticada através de diários, diálogos, fotos, desenhos, e observações, na expectativa de ecoar as vozes das e dos jovens. Os resultados apontam que as narrativas de jovens permitem revelar diversidades de formas e significados culturais, abrindo discussão acerca do caráter emancipatório e de co-presença igualitária (Santos, 2010b) da comunicação comunitária, para além da inclusão compensatória.

Abstract

At a time when voices are being felt around the globe denouncing adverse conditions to the democratic citizenship's practices and the achievement of equality and freedom ideals (Castells, 2012), young people from all over the world appear in public spheres as social forces that articulate and lead social changes. This paper proposes a microclipping about this social phenomenon, bringing to discussion an intervention in community communication with young people, during the 2014 in Caruaru/Brazil. Methodology sought to promote a reverse extension, through an action research and deep listening to youths, practiced through diaries, dialogues, pictures, drawings and notes, in expectation of echo the voices of young people. The results indicate that the youth narratives allow reveal the diversity of forms and cultural meanings, opening discussion about emancipatory and egalitarian co-presence (Santos, 2010b) character of community communication, over and above compensatory inclusion.

Palavras chave

Juventudes, identidades, comunicação, emancipação

Keywords

Youths, identities, communication, emancipation

Sumário

1. Introdução
2. Identidades locais na era digital
3. Jovens, comunidade e comunicação
 - 3.1. Jovens na comunidade
4. Participando nas dinâmicas da comunidade
 - 4.1. A comunidade de Cachoeira Seca
 - 4.2. Jovens na comunidade de Cachoeira Seca
 - 4.3. As atividades de comunicação com jovens em Cachoeira Seca
 - 4.4. O desenrolar das oficinas e as vozes juvenis
5. Conclusões

Contents

1. Introduction
2. Digital era and local identities
3. Youths, community and communication
 - 3.1. Youths in community
4. On community dynamics
 - 4.1. A view from Cachoeira Seca
 - 4.2. Youths at Cachoeira Seca community
 - 4.3. Communication activities with youths at Cachoeira Seca
 - 4.4. Young voices and workshops procedures
5. Conclusions

1. INTRODUÇÃO

Inclusão digital, cidadania, protagonismo e emancipação são termos que vêm sendo associados às juventudes, seja no senso comum, na formulação acadêmica, ou na promoção de políticas públicas compensatórias que visam integrar as/os jovens ao sistema vigente. Desde a leitura sobre movimentos de protesto recentes (Estanque, 2014; Castells, 2012), que a partir de 2011 se fazem ouvir no enfrentamento às condições adversas para a prática democrática em todo o planeta, até a construção de políticas públicas segmentadas, como no Brasil, jovens e juventudes têm estado na pauta e nas agendas políticas, nos noticiários locais e internacionais, no foco de atuações de organizações governamentais e não-governamentais, nos estudos acadêmicos e na assistência social.

De modo geral, a tônica é a inclusão ou integração da/do jovem e, ainda, a categorização da juventude nas sociedades contratuais de direitos estabelecidos e restritos. Trata-se de uma juventude vista como problema (Pais, 1990; Abramo, 1997; Castro, Abramovay, e De Leon, 2007), um tempo de incompletude e transição (Souza, 2004). Sobre os jovens discursam os adultos (Abramo, 1997), técnicos competentes, benfeitores e reguladores do sistema. Às/aos jovens resta, em geral, receber as políticas públicas e os programas sociais como dádivas (Mauss, 2008) que, principalmente, lhes silenciam.

Diante deste cenário e na perspectiva de revelar as vozes de jovens ainda que numa instância micro e a partir de uma realidade localizada e enraizada em particularidades e especificidades, aborda-se neste artigo uma experiência de comunicação comunitária desenvolvida com 35 jovens, durante o ano de 2014, em Cachoeira Seca, distrito de Caruaru, no semiárido brasileiro. A metodologia buscou promover uma extensão ao reverso, por meio da pesquisa-ação-participação (Fals Borda, 1981; Thiollent, 1988) e da escuta profunda de jovens na perspectiva da ecologia de saberes (Santos, 2010a), praticada através de diários, diálogos, fotos e desenhos, e, ainda de observações de fatos e ações locais em suas riquezas e amplitudes, na expectativa de não julgar, padronizar ou representar (Geertz, 1997), mas fazer ecoar as vozes das e dos jovens.

Para interpretar tal experiência, parte-se

do debate conceitual sobre identidades locais/globais, que se fazem de modo relacional (Elias, e Scotson, 2000; Canclini, 1995) e fluído (Bauman, 2001), dadas as bases digitais que configuram o mundo hoje. O estudo das identidades adquire especial relevância, uma vez que as observações nos conduzem para leituras das manifestações sociais e culturais das/dos jovens enquanto legados e construções identitárias provenientes de seus lugares, especialmente significativa quando se trata do semiárido, mesmo numa configuração tecnológica e largamente conectada como as sociedades em redes (Castells, 2000) atuais. Propõe-se, então, uma leitura sobre jovens, comunidades e comunicação numa perspectiva configuracional em que as/os jovens são percebidos em suas redes de relacionamento e interdependência, enraizados e tornados sujeitos a partir de seus lugares, integrados e/ou estigmatizados nas dinâmicas socioculturais que significam a vida coletiva (Elias e Scotson, 2000).

A partir desse arcabouço teórico, busca-se interpretar a experiência de comunicação comunitária de modo a que as vozes das/dos jovens de Cachoeira Seca sejam ouvidas e sentidas em suas percepções de mundo, suas noções sobre cidadania, inclusão e participação e, assim, ecoem no sentido de uma reformulação das identidades de jovens construídas pelo mundo adulto.

2. IDENTIDADES LOCAIS NA ERA DIGITAL

As identidades locais, entendidas como aquilo que se produz cotidianamente na vida de um determinado lugar, num cenário de mundialização cultural (Ortiz, 1995), configurado pelos processos de globalização dos mercados e da informação, pelas redes virtuais e outros instrumentos digitais, aparecem como interessante viés para a discussão sobre juventudes hoje. Nessa discussão, é de se registrar as muitas especificidades e diversidades locais que geram traços culturais e habitus coletivos e individuais (Elias, 2001) capazes de distinguir lugares e identidades.

Atualmente as identidades vêm sendo questionadas a partir das refuncionalizações provocadas pelos mercados globalizados, pelo consumo regulador e culturas tecnológicas mundializadas. Em Hall (2011, p. 7), o argumento para tal dimensão teórica sobre a questão da identidade está em que “as vel-

has identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. O debate teórico e, também, os questionamentos empíricos sobre as identidades contemporâneas seriam reflexos de mudanças estruturais recentes. O autor continua: “A assim chamada ‘crise de identidade’ é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social”.

Nesse contexto, o local assume importância econômica como consumidor da produção capitalista global, mas também como significante dos novos *habitus* midiáticos e como reorganizador das identidades fluídas e multifacetadas. Para Ortiz (1995) o global só pode existir quando se torna local, cotidiano. Ou seja, a chamada cultura global é deixada acontecer num lugar por seus habitantes, que a incorporam. Tem-se, de fato, uma nova ordem mundial, dada pelas tecnologias e pelos tempos-espacos do mercado e do capital, que provocam os grupos sociais a se adaptarem e adotarem estilos de vida que correspondam às necessidades de manutenção do sistema estabelecido. Há por trás das dinâmicas entre global e locais um princípio de dominação e alienação (Santos, 2010a), que marcam as identidades dos sujeitos modernos enquanto seres regulados e mercantilizados.

A partir daí, pode-se pensar o lugar e o status das juventudes contemporâneas enquanto grupos de indivíduos nem situados geograficamente nem economicamente, nem politicamente. Indivíduos que não fazem parte da população economicamente ativa (PEA) oficial e também não possuem uma identidade estrutural definida. Ao contrário, estão numa fase de buscas e descobertas, dispostos a correr riscos e aventuras. São romantizados e criminalizados pela sociedade ao seu redor, e dificilmente compreendidos. Potencialmente agentes de emancipação, revelam, mesmo sem querer, a angústia das sociedades atuais: as práticas discursivas que se articulam em função de uma manutenção das desigualdades sociais, da regulação sobre a emancipação. Nesse sentido, cabe perguntar como o jovem de regiões não centrais e não hegemônicas, o semiárido pernambucano,

por exemplo, pode se colocar, diante de um mundo que encolhe e se expande diariamente, em busca de experiências emancipatórias enquanto rodeado da oferta de vivências reguladoras. Como as juventudes constroem identidades a partir do local e em relação com o global?

Com a noção de *habitus* (Elias, 1970) pode-se perceber como processos históricos se cristalizam, silenciando dinâmicas, fluidez, mudanças que concorreram para sua consolidação. Nesse sentido, a chamada globalização é um acúmulo de processos históricos que fazem cristalizar uma lógica urbana, metropolitana, acelerada e discursiva para a vida moderna. Estes são os *habitus* que as/os jovens hoje, seja no semiárido nordestino ou em qualquer outra região do mundo, recebem como referências e normas de conduta do macrocosmo social. Associam a eles os *habitus* locais, enquanto heranças e capital cultural do lugar social de onde vêm, ou seja, as determinações estruturais como idade, gênero, status econômico e político (Bourdieu, 2011). A leitura associada de elementos locais e globais é deixada a encargo do indivíduo e guiada pelos meios massivos de informação. Como as/os jovens realizam tal leitura deveria ser uma preocupação central nas sociedades atuais.

Canclini (1995, p. 142) procura encontrar os princípios que, numa época de globalização, sejam capazes de guiar a ação cultural nas grandes e médias cidades. “Hoje a identidade, mesmo em amplos setores populares, é poliglota, multiétnica, migrante, feita com elementos mesclados de várias culturas”. Pensar o espaço nesse tempo social da modernidade tardia é ainda necessário visto que se experimentam as transformações tecnológicas numa conformação social, espacial e cultural produzida antes da informatização das instâncias da vida moderna. Isto significa que o mundo visível e cotidiano acontece em lugares específicos sobre os quais desenvolvem-se sentimentos e valores, constroem-se e acumulam-se bens materiais e imateriais, planeja-se, vive-se, compartilha-se e, ao fim, registram-se imagens territoriais e ambientais que dão sustância à vida presente e futura, mesmo quando os suportes físicos são virtuais e os espaços geográficos não são mais territoriais.

Identidades regionais são, pois, o como e o que se produz cotidianamente na vida de

um determinado grupo ou comunidade estabelecido num lugar e ainda as formas de manifestação sobre essa produção. Nesse sentido, as/os jovens podem ser considerados na vida cotidiana dos lugares onde vivem, nos traços culturais compartilhados ou estranhados, na experiência coletiva e comunitária que o local lhes permite, e também na vivência oferecida diariamente pela informatização das formas de comunicação. Enquanto o local permite a experiência da vida, o global promove o alheamento desta vida local e de qualquer outra, colocando-se como vivências (Benjamin, 1985) sem cor e sem cheiro que preenchem os sentidos, produções e percepções de mundo, mas não satisfazem.

Para Canclini (1995) impõe-se, em geral via consumo, uma nova identidade, que chama de relacional, construída na interação entre noções locais e globais, experiências e vivências. Em contextos específicos como a América Latina, esta identidade já teria se formado uma primeira vez, quando da colonização, e novamente se constrói com a internacionalização ou mundialização das culturas, processos que podem ser compreendidos como pós-colonialistas (Santos, 2010a), em que as lógicas de dominação, regulação e dependência que promoveram a colonização política e econômica persistem nas relações sociais e culturais dos grupos colonizados. Nesse sentido, a identidade relacional a que se refere Canclini (1995), formada a partir da internacionalização cultural, apresenta três importantes questões:

1. Dá-se via consumo, o que implica em exclusão daqueles impossibilitados de consumir. O consumo exacerbado, tanto material quanto cultural, transforma-se em consumismo, o que acaba fragilizando os elos sociais e comunitários, uma vez que consumismo em massa significa descartabilidade dos objetos, a princípio, e dos valores, em consequência. Formam-se identidades frágeis que, embora relacionais, são espelhadas e o que se vê no espelho do outro é sempre aquilo que não se pode *ainda* consumir.

2. Ao incorporar elementos externos, as identidades locais são sobrepostas pela novidade que carregam tais elementos, na velocidade e proporções dadas pelo que vem de fora. Incorpora-se individualmente o externo diretamente via consumo, material ou cultural, via satélite, via digital, sem interações e

mediações interpessoais ou grupais.

3. Não vem de forma homogênea, ou seja, mantém a discriminação social. Os processos de globalização não chegam ao mesmo tempo nem do mesmo modo a todos os lugares ou indivíduos e, portanto, estão carregados de privilégios e desigualdades. Os de maior circulação e acumulação de capital financeiro e simbólico permanecem centrais. Os espaços não urbanos e não industrializados —“os outros espaços” (Santos, 1994)— e seus habitantes ficam à margem da globalização, com seus benefícios e malefícios, vivenciando e experimentando reflexos de tais dinâmicas ou sub-globalizações.

Além disso, uma identidade relacional baseada na relação entre diferentes e diversos não encontra nos processos de globalização o foro propício para seu desenvolvimento. Isto porque com a mundialização cultural deixa-se de perceber o local, regional; o local, nacional; e o não-local, externo, global. Tudo vira mercadoria pronta para consumo. Sem reconhecer o que é uma coisa e o que é outra, como compartilhar valores, produtos, gostos, crenças; como trocar e interrelacionar? Esta identidade se construiria em cima de uma não-experiência, sentida através do discurso do outro (quase sempre num meio eletrônico) sem interpessoalidade, sem perdas ou ganhos diretos. A identidade de relação que se forma no âmbito da globalização, é marcada por práticas de anulação e silenciamento dos mais frágeis pelos mais fortes, segundo a lógica consumista e colonialista que sustenta o sistema capitalista vigente. No entanto, a partir de uma comunicação originada na comunidade, pode-se construir identidades abertas, fluídas, relacionais, em que haja trocas de experiências e conhecimentos —e não apenas inclusão dos excluídos pela lógica sistêmica.

3. JOVENS, COMUNIDADE E COMUNICAÇÃO

Otávio Velho (1995) apresenta a comunidade como o lócus da relação. Como pensar numa identidade relacional fora de um grupo social, a partir tão somente do indivíduo isolado frente às telas, cada vez menores e mais finas, dos aparelhos digitais? Por isso, talvez, a rápida necessidade de implantar redes informacionais, como a internet, e redes sociais virtuais, como Orkut e Facebook, no âmago da sociedade tecnológica: porque

o indivíduo pode isolar-se com seus equipamentos e aparentemente adquirir a tão imaginada independência do grupo, mas não pode desenvolver-se ou formar-se sem se relacionar com outros. Só que, então, está-se construindo uma identidade relacional desterritorializada. Será possível uma identidade desvinculada de um espaço, de um lugar; ou uma identidade acontecendo num espaço virtual; uma identidade relacional sem interação, sem interpessoalidade? Para Hall (2011, p. 7), “Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos”, no sentido do lugar imaginário, do lar, dos laços familiares, dos elementos culturais que trazem o passado no presente e significam os eventos futuros. Conforme Hall (2011, p. 72), “O ‘lugar’ é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas”.

Se considerarmos não as grandes cidades, modernas, industrializadas e conectadas, mas o meio rural brasileiro, os núcleos habitacionais afastados dos centros de decisões políticas e econômicas, o semiárido pernambucano, constatamos que o global, a desterritorialização, o virtual, o tecnológico ainda não são realidades recorrentes, e que também no domínio da técnica há discriminações sociais, culturais e regionais. É preciso entender a relação campo/cidade, rural/urbano, litoral/interior nas especificidades dos lugares para se interpretar as/os jovens diante da lógica informatizada e discursiva de vida. Será que terão condições de escolher o rumo que desejam para suas vidas e seu lugar? Será que esperam realmente a tecnificação das relações, a informatização do cotidiano e a chamada inclusão digital? Quais são suas esperanças e expectativas? Estas questões demandam um acúmulo de estudos sobre jovens, com o qual tencionamos colaborar com o presente texto.

3.1. JOVENS NA COMUNIDADE

Milton Santos (1994, p. 107) vê uma nova organização no território nacional, não mais estabelecida pelas diferenças entre rural e urbano, a partir do que “não cabe mais, no caso do Brasil, falar em litoral e interior, ou simplesmente em cidade e não cidade, ou urbano e não urbano. Há espaços marcados pela ciência, pela tecnologia, pela informação, por

essa mencionada carga de racionalidade; e há os outros espaços”. Os outros espaços são, no entanto, aqueles fora do eixo das metrópoles, fora das vias de escoamento da produção, longe dos serviços de educação, saúde e informação, das decisões de governo, dos monopólios de comunicação. É justamente nesses lugares onde o comunitário, as redes de vizinhança e parentesco, as tradições e valores locais, os costumes e as necessidades simbólicas, as expectativas de vida e sua organização grupal adquirem roupagens extremamente novas diante do aparato digital, levando a revisões e questionamentos sobre as identidades culturais, especialmente entre os jovens.

Os grupos locais aqui em estudo apresentam identidades multifacetadas e ampliadas diante dos múltiplos projetos ofertados pelo capitalismo consumista contemporâneo. Já não é possível chamá-los de comunitários, no sentido fechado do termo, mas também não são provisórios, como em Hall (2011), ou estranhos, como em Bauman (2001). São sujeitos que pertencem a seus lugares, embora estes lugares estejam sob tensão constante provocada por novas e fluidas necessidades de pertencimento social, muito mais do que comunitário, grupal, de vizinhança.

A identidade regional aparece, por exemplo, na configuração da Feira de Caruaru, evento local com proporções e assimilações globais na medida em que atrai turistas, compradores, vendedores e curiosos. A feira surge na cultura local, como resultado de organizações e harmonizações particulares dos grupos sociais ali estabelecidos, e ganha projeção porque a cidade de Caruaru está a meio caminho de todos os destinos no Estado de Pernambuco. Essa característica torna a manifestação local algo amplo, abrangente. Mas não são amplas nem abrangentes as relações de trabalho e ocupação do espaço produtivo da feira, bem como também não o são as relações entre comerciantes e poder público.

São relações que reproduzem as tradições e costumes locais, desde o trabalho familiar e infantil naturalizado como não-trabalho até as posturas servis e hierárquicas diante do governo vigente, trazidas das experiências de coronelismo e colonização que marcam e identificam o povo nordestino. Com a mesma servilidade e obediência este povo incorpora os aparatos tecnológicos como o celular e os computadores portáteis em seu dia-a-dia,

tanto para consumo próprio como para consumo na venda na feira. E vivenciam, numa mal resolvida escala identitária relacional entre local e global, o mundo a partir de tais tecnologias sem sair da Feira de Caruaru.

As condições físicas e materiais terminam por gerar hábitos e costumes locais, que Chauí (1994) classifica como “materialidade do espírito do povo” e que constituem elos mantenedores da vida comunitária ou social: crenças, festas, formas de narrativa, sanções, tabus, prêmios, dialetos, vestimentas, culinária. Há, no entanto, uma forte permeabilidade nos grupos em questão quanto à recepção e significação de elementos da cultura massiva e da cultura tecnológica, dada pelas aproximações dos locais com o global, via meios de comunicação em larga escala, principalmente, mas não apenas. A permeabilidade acontece também de outras formas, como o trânsito de moradores por outros lugares, muitas vezes a metrópole mais próxima, pela chegada de estrangeiros ou *outsiders* (Elias, Scotson, 2000), inclusive pesquisadores-extensionistas. Uma imbricação de valores e vontades locais com valores e novidades globais concorre para organizar e apontar a formação de identidades culturais entre jovens dos outros espaços, ainda não completamente marcados pela lógica tecnológica e informacional. Marcados, porém, pelo consumo imaginário e necessidades simbólicas gerados dos contatos com os elementos do global.

Nesse ponto, percebe-se a importância da comunicação na vida cotidiana dos grupos ou lugares, estruturados por seus componentes na comunicação que realizam entre si, nos intercâmbios, na produção criativa do lugar em que vivem. Pode-se, então, classificar grupos e lugares como comunidades, no sentido da solidariedade, ou socialidade que se cria em suas relações. Para Martín-Barbero (1995, p. 60), “Resgatar o sentido comum é resgatar esse viver cotidiano como espaço de produção de conhecimento e como espaço de produção e de troca de sensibilidade”.

O sentido comum de que trata Martín-Barbero é aquele usado para revelar um cidadão no qual há a semente da crítica, do agir consciente, do questionamento. Nesse sentido, o estudo de experiências de comunicação em culturas locais pode proporcionar elementos sobre o mundo contemporâneo, não só em sua face mais facilmente visível, dada nos ambientes virtuais, mas nos mui-

tos e diversos grupos sociais que formam as sociedades atuais, dentre os quais podem ser destacados as/os jovens moradores das regiões semiáridas. Como propõe Geertz (2001, p. 69), é preciso superar o etnocentrismo e seu vicioso “olhar distanci-ado” para estranhar genuinamente os saberes locais e deles trazer aprendizagens.

4. PARTICIPANDO NAS DINÂMICAS DA COMUNIDADE

Um dos maiores desafios para o desenvolvimento de trabalhos relevantes no campo das Ciências Sociais é o potencial envolvimento dos pesquisadores com a pesquisa, sendo de suma importância a consciência dos/as investigadores/as sobre os impactos de sua presença tanto na realidade mesma que está sendo trabalhada como nos resultados investigativos e sociais. Além desta realidade metodológica, a configuração de Cachoeira Seca e as dinâmicas de vida de seus/suas jovens nos colocaram em uma realidade prática tal que os impactos na comunidade pareciam inevitáveis, o que será discutido mais adiante.

Buscamos conduzir as ações e investigações:

- 1) numa abordagem configuracional da comunidade (Elias y Scotson, 2000);
- 2) na construção de uma polifonia, ou seja, da coexistência pacífica entre diferentes conhecimentos, como propõe Santos (2010a) com a ecologia dos saberes;
- 3) no esforço de uma interpretação densa (Geertz, 1997) da comunidade a partir das intertextualidades presentes em seus elementos e valores culturais.

Na conjugação dessas três perspectivas metodológicas e epistemológicas, originadas em autores que se preocupam em partir da observação aberta dos fenômenos e práticas do mundo real para uma formulação de novos conhecimentos e ações, estabelecemos uma prática epistemológica e metodológica que permitiria —no estudo da vida das/dos jovens na comunidade de Cachoeira Seca— “uma produção de conhecimentos conjunta por jovens e cientistas sobre o ser jovem nas complexas sociedades contemporâneas” (Spenillo, 2014, p. 25).

A interpretação socioantropológica se dá em todos os momentos do estudo, seja na leitura da comunidade pelo pesquisador, na participação da comunidade na leitura que

dela faz o pesquisador, na escritura do texto pelo pesquisador, na leitura do texto pela comunidade/sociedade. Como conduzir tal interpretação? Com a prática de uma vigilância epistemológica que tenha por objetivos não transformar diferenças em semelhanças; não uniformizar particularidades; tratar os fatos em sua expansão e não comprimi-los em modelos, padrões e lógicas externas (científicas). Nesse sentido, procuramos partir das redes de inter-dependências e relações em que fatos e fenômenos locais se constroem e são significados —ou seja, das ações culturais em Cachoeira Seca— para construir interpretações possíveis conforme nosso estágio ou stocks de conhecimento (Elias, 1970) sobre comunicação, comunidade, inclusão e identidades. Com esse intuito, discutimos a seguir aspectos que consideramos relevantes sobre nossa participação nas dinâmicas de Cachoeira Seca.

4.1. A COMUNIDADE DE CACHOEIRA SECA

O semiárido brasileiro, conforme o Instituto Nacional do Semi Árido, abrange “Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, além do Vale do Jequitinhonha, no Norte de Minas Gerais, e parte da região Norte do Espírito Santo”. Ainda de acordo com o Instituto, “As estiagens prolongadas ocorrem ciclicamente, trazendo efeitos nocivos sobre a economia da região e acarretando com isto, custos sociais elevados”. Em nossas atividades percebemos configurações específicas, que nos dão uma idéia das diversidades locais na região semiárida, de modo que não é possível fixar um pano de fundo para o semiárido sem incluir nele a fluidez e as dinâmicas locais de cada *lugar* dentro do conjunto denominado semiárido — conforme o mosaico de imagens de Cachoeira Seca, na Figura 1.

Figura 1. Panorama de Cachoeira Seca/mosaico de imagens



Fonte: Equipe COMUDI

As juventudes que encontramos no local vivem entre culturas tradicionais, muitas vezes estigmatizadas, e uma nova cultura tecnológica, muitas vezes hiper valorizada, resul-

tante dos processos de mundialização. Há, ainda, na localidade uma ressignificação das tradições ligadas ao trabalho, fruto da globalização econômica na produção mercantil, que

conjuga o trabalho familiar e infanto-juvenil com a lógica urbana e capitalista de produção na indústria têxtil.

No que diz respeito à presença e ao acesso de tecnologias de informação e comunicação (TIC) a situação é de ambivalência. Não há eletricidade em todas as casas, não há programas de conexão para as áreas rurais, não há recursos humanos disponíveis para formar a população no uso de tais tecnologias. E há uma juventude local, que demanda uma nova inclusão que lhes dê acesso de qualidade a benefícios do estágio socioeconômico atual, como uma identidade virtual, um número de celular, um email, um perfil nas redes virtuais, canais de comunicação em tempo real com o restante da sociedade, trabalho e lazer que os preencha e realize, elementos culturais que satisfaçam necessidades simbólicas e materiais na construção da identidade de jovem a partir da região onde vivem.

O município de Caruaru está acerca de 150km de Recife, capital do estado de Pernambuco/Brasil. Desenvolvemos as atividades com jovens na localidade de Cachoeira Seca, distrito que fica às margens da rodovia BR-104, importante ligação entre cidades da região. O povoado fica entre três importantes cidades: Caruaru (da qual faz parte), Toritama e Brejo da Madre de Deus, cujas economias estão voltadas para os serviços, sobretudo os ligados à indústria têxtil e turismo.

Cachoeira Seca é, como a maioria dos distritos e povoados da região, formada a partir de fazendas e posses que findam por agregar várias ou grandes famílias, aumentando o contingente populacional da localidade, bem como o grau de importância desta no município. Atualmente Cachoeira Seca passa por relevante expansão populacional e um dito crescimento econômico, seguindo conjuntura da própria Caruaru e da região.

Os lotes para venda estão por toda parte e muitos novos moradores estão chegando, vários com amigos e parentes já instalados ali; geralmente atraídos pela oportunidade de trabalho no segmento têxtil, que está presente na maioria das residências, fomentando pequenas instalações com máquinas para costura (montagem) do jeans; os chamados *fabricos*. Praticamente metade dos 29 jovens presentes na primeira oficina afirmou ter um tipo de ambiente de trabalho deste em casa; e os que não têm a costura como meio principal de renda familiar, realizam algum tipo de

prestação de serviço no setor.

Cachoeira Seca fica em um vale pedregoso outrora banhado por riachos e rios que, segundo relatos de moradores mais antigos secou, batizando o local. Os números demográficos da área não são precisos, tendo em vista que os moradores da localidade são registrados como residentes em Caruaru. Porém, a partir de levantamentos feitos desde 2007 pelas equipes de saúde da família, a partir das visitas domiciliares, estima-se que Cachoeira Seca tenha, aproximadamente, 780 famílias — número que vem crescendo.

A imagem da localidade sendo loteada e recebendo novos moradores remete à configuração de *Wiston Parva* — nome fictício da vila inglesa estudada por Elias e Scotson em meados do século XX: um caráter à primeira vista não muito revelador, porém, quando olhado a partir de suas redes menores, mais intimistas, pode clarear o que muitas vezes as sombras das sociedades encobrem e assim “pode-se construir um modelo explicativo, em pequena escala, da figuração que se acredita ser universal” (Elias, Scotson, 2000, p. 20). É a partir desta percepção aberta por Elias e Scotson que podemos significar ou dar intertextualidade às vozes e aos anseios das e dos jovens locais que, para além do futuro das sociedades, são um presente que demanda ação, participação e reconhecimento.

A localidade apresenta além de moradias algumas edificações que merecem destaque, tendo em vista suas características de serviços públicos ou de influência social. Para tal identificação dividimos estes locais em três categorias: a) serviços públicos; b) comércio; e c) serviços públicos não governamentais/entretenimento.

Na categoria A encontramos uma Unidade de Saúde da Família e uma escola. Na primeira conseguimos algumas informações relevantes, talvez únicas, sobre população e demografia, como também algumas informações sobre aspectos de saúde pública do local; já na segunda, a Escola Municipal José Clemente de Souza, firmamos parceria e desenvolvemos nossas atividades. A escola foi a principal e primeira parceira não apenas pelas circunstâncias, mas também, e principalmente, por ser a única unidade de educação pública do distrito, sendo o mais importante ponto de encontro/concentração das juventudes.

Na categoria B, que classificamos como

modesta, foram identificados: 03 mercadinhos, 01 farmácia (que já fechou), alguns bares, 01 salão de beleza, 01 padaria, 01 açougue, 02 lavanderias de jeans e 01 *lan house*. As lavanderias chamam atenção por serem parte importante da principal atividade econômica da comunidade, a costura do jeans. Pelas lavanderias passam boa parte da produção de jeans, em geral com pouca ou nenhuma preocupação ambiental, *empeleitando*¹ muitos moradores.

Já nos locais classificados como públicos, porém não governamentais, inseridos na categoria C, encontram-se: 01 clube de lazer, 02 igrejas católicas, 03 congregações evangélicas, 01 associação de moradores, 01 rádio comunitária e 01 recém criada associação de mulheres. Todas são potenciais instituições que agregam as juventudes. Destacamos a rádio comunitária que, como a *lan house*, pode desempenhar um papel central na promoção dos direitos à comunicação e informação, enquanto elementos da cidadania ativa. No entanto, a situação encontrada foi a mesma da grande maioria das rádios desse segmento que já observamos no semiárido pernambucano: as estações são personificadas, quase sem acesso da comunidade. No caso de Cachoeira Seca, a FM comunitária é, de fato, retransmissora da histórica e dissolvida Difusora FM, que atualmente faz parte do Sistema Jornal do Comercio de Comunicação, sediado na capital do Estado e um dos maiores conglomerados de comunicação do Brasil.

4.2. JOVENS NA COMUNIDADE DE CACHOEIRA SECA

Encontrar e ouvir jovens tem sido o nosso principal objetivo, porém esta é uma tarefa difícil, sobretudo conseguir chegar neles em suas realidades cotidianas, e ainda provocar-lhes a falar. Em Cachoeira Seca encontrar as juventudes não foi uma tarefa tão árdua assim, porém, levá-las a expressarem-se, mesmo com todas as novidades oferecidas, foi muitas vezes quase que impossível: equipamentos como câmeras e microfones intimidam, o que pode ser esperado, porém, a escrita, envergonha. A história de uma subcidadania vivida desde as experiências da

colonização em moldes oligárquicos no país — e acentuadamente na região nordeste — vem sendo reeditada pelos processos de subglobalização que, no local, inclui jovens nos tempos/espacos globais como mão-de-obra e consumidores descartáveis pela lógica da indústria em larga escala e de um sistema capitalista voraz. Estas identidades sub —no exercício da cidadania e na inclusão nas lógicas globais— deixam marcas que aparecem, nas e nos jovens, quando convidados a se expressarem. A câmera fotográfica ou filmadora, com o uso acaba atraindo para participação. Mas com a escrita, o texto no papel, a reação é mais prolongada e consistente. Muitos dos oficinados não gostavam ou não se sentiam à vontade para escrever, fossem seus diários de atividades ou qualquer outra tarefa das oficinas, como percebemos já nos primeiros encontros na oficina de comunicação comunitária, em que se propõe uma leitura sobre a comunidade para posterior produção de um jornal-mural (Figura 2).

De modo geral, as jovens e os jovens de Cachoeira Seca encontram-se na escola, nas igrejas, no campo de futebol e nos bares; não se vê outros lugares agregadores deste público no local. Independente dos lugares que frequentam os jovens de Cachoeira Seca, uma realidade é comum: todos têm uma função dentro da indústria de montagem do jeans. Todos trabalham! Existe uma hierarquia nas funções, em que costurar (pegar na máquina) é o grau mais elevado, causando um tipo de concorrência entre eles.

Os 35 meninos e meninas que participaram das oficinas mostraram-se diretamente ligados e interessados no mercado de trabalho, e especificamente naquele mercado de trabalho que conhecem. Durante a oficina de fotografia, cuja temática foi trabalho e educação, as e os jovens expuseram alguns detalhes sobre as atividades que exercem na linha de produção do jeans. O depoimento a seguir, de um(a) jovem durante a referida oficina, mostra bem a segmentação existente na atividade e as funções que eles exercem:

Oh professora, aqui funciona assim: cada costureiro faz uma coisa; uma pessoa faz a frente, já outra faz o traseiro. Um faz o bolso, o outro costura... Tem o fechador, o ba-

¹ Termo usado localmente para designar um trabalho temporário.

Figura 2. Jovens de Cachoeira Seca em atividade da oficina de comunicação comunitária

Fonte: Equipe COMUDI

tedor; tem o cortador de abanhado, tem o fechador de perna, tem o fechador de cós, tem o que abre a cabeça do cós... É tudo dividido por equipe. (Jovem A, morador de Cachoeira Seca).

Fazem serviços secundários, de finalização da mercadoria, em que não há criatividade, imaginação, proposição. Apenas passam a costura no lugar já demarcado. No entanto, quando indagados sobre qual será mais importante para seus futuros, estudar ou costurar, o trabalho (costura) mostrou-se acentuadamente mais importante, sobretudo pela insatisfação com o ambiente escolar em que se encontram. A que se ressaltar, no entanto, que a Escola de Cachoeira Seca é uma exceção no cenário brasileiro, em que as escolas localizadas em áreas rurais ou distritos têm fechado e a política educacional das Prefeituras vem sendo transportar estudantes para escolas sediadas no centro dos municípios. No entorno de Cachoeira Seca não há outra escola e os jovens e as jovens de outras localidades são transportados(as) diariamente para Cachoeira Seca para assistirem às aulas. No entanto, as e os estudantes têm outras aspirações, como expresso a seguir:

O negócio chato da escola sabe o que é? Não tem canto pra brincar. Quando dá a hora do recreio isso aí (o pátio) é lotado, aí

não pode nem entrar nem sair ninguém. A pessoa só fica aí, vai lá na merenda e volta... Aqui só queria que melhorasse uma coisa: tivesse uma quadra e uma piscina. (Jovem B, morador de Cachoeira Seca).

Foi nesse mesmo ambiente escolar físico —o pátio— onde realizamos as oficinas de comunicação comunitária. Houve momentos tensos e agitados, sobre os quais fomos processualmente entendendo os motivos: a noção de perda do tempo para a costura enquanto se estava nas oficinas, a sensação de prisão e ócio que a escola lhes dá, e a consciência da falta de espaços de lazer e de esporte estavam ali presentes nas percepções e nas inter-relações das e dos jovens locais com as e os jovens oficineiros vindos da capital do Estado, constituindo suas intertextualidades e marcando práticas e experiências em comum (Geertz, 1997).

4.3. AS ATIVIDADES DE COMUNICAÇÃO COS JOVENS DE CACHOEIRA SECA

Os jovens participantes das oficinas foram escolhidos pela gestão da Escola local, usando como critério o antagonismo comportamental. Indicaram os jovens de pior e de melhor comportamento escolar, bem como alguns com necessidades especiais. Nossa intenção inicial não seria esta, gostaríamos

de ter feito divulgação ampla na comunidade e de instigar uma procura espontânea de jovens pelas atividades. No entanto, sendo os estrangeiros ou forasteiros, a nós cabia adequação à lógica local, ou ao saber local (Geertz, 1997), mais possível de acertar sobre as necessidades da comunidade do que nosso saber acadêmico e estrangeiro. Buscamos, nessa perspectiva, empreender o trabalho da tradução intercultural (Santos, 2010a): uma escuta profunda para diálogos mais profundos.

Foram demandados pela escola local 32 jovens, sendo 19 meninas e 13 meninos com idades entre 12 e 17 anos, todos entre o 5º e o 9º ano do ensino fundamental II. 28 deles estudam no turno matutino; apenas um no turno vespertino e três no noturno; dois estão na Educação de Jovens e Adultos/EJA. Três dos indicados nunca apareceram, então 29 estiveram ao menos uma vez nas atividades. Vale ressaltar que durante as oficinas recebíamos a visita de jovens que não constavam na lista e apareciam espontaneamente. Desta forma, o público presente nas oficinas foi de aproximadamente 35 jovens.

As atividades práticas iniciaram-se no mês de fevereiro de 2014, estendendo-se até meados do mês de junho daquele ano. O método utilizado para troca de saberes (Santos, 2010a) foram as oficinas, cujo viés didático coloca pesquisadores-extensionistas e jovens comunitários em maior sintonia. As oficinas ocorreram no ambiente escolar e aos sábados, ou seja, num espaço em que as e os jovens já estão acostumados, e por vezes saturados de frequentar, porém num tempo diferente do tempo da escola — usualmente freqüentada nos dias de semana. Foram realizadas, por ordem, as seguintes oficinas: introdução à comunicação comunitária; jornal mural; animação; rádio; fotografia; vídeo e redes virtuais, com carga horária que variou entre quatro e oito horas (um ou dois fins de semana) por oficina. Nestas situações, interessantes momentos de espontânea comunicação e compartilhamento aconteceram e ficaram registrados, como nas imagens que formam a Figura 3, e também na memória/identidade dos participantes — jovens, funcionários, pesquisadores.

Figura 3. Registro de momentos das oficinas



Fonte: Equipe COMUDI

Desde o primeiro contato com a localidade, em dezembro de 2013, passamos a estar envolvidos nas dinâmicas locais, ao sugerir

mos a possibilidade da realização de atividades com jovens moradores. A Escola considerou nossa participação nas suas atividades e,

sobre tudo, a utilização das suas dependências aos sábados, o que não ocorre com frequência. Esta certamente é uma grande alteração que propomos na vida local, a escola aberta aos sábados com atividades para as e os estudantes. Nos primeiros fins de semana de oficinas não foi raro receber visitas de mães e responsáveis para certificarem-se da veracidade dos trabalhos. Vale salientar que a participação desses meninos e meninas nas atividades das oficinas aos sábados também interfere nas suas dinâmicas particulares, residenciais: ficavam fora da linha de produção da montagem do jeans.

Outro grande exemplo de participação na localidade foram as sessões de cinema, realizadas sempre nas noites de sexta-feira, que movimentaram as ruas e praças, chamando atenção de públicos variados. As crianças foram a faixa etária com mais ocorrência, porém adultos e idosos marcavam presença. A assistência de jovens também foi marcante; com o passar do tempo notou-se que este cinema de rua era a única opção de lazer noturna, fora o campo de futebol e os bares.

Outro exemplo de comunicação na comunidade é a criação do perfil no Facebook, como atividade da oficina de redes virtuais. Intitulado pelos jovens de “Espelhos e Imagens de Cachoeira Seca”, o perfil tenta a um tempo inserir Cachoeira Seca nas esferas digitais de comunicação e qualificar o uso dessas esferas digitais a partir de um sentido comunitário, em que cada uma e cada um pode utilizar a ferramenta para reivindicações e colaborações no que diz respeito a todos. Assim como o nome do grupo virtual, a opção pelo Facebook como rede virtual a ser utilizada foi uma proposta das e dos jovens em comum acordo com a equipe de oficinairos. O principal motivo para escolha do Facebook foi o fato de a grande maioria já estar inserida nesta rede — apenas um dos jovens não estava. Também foram decididas em conjunto as regras de administração do perfil, que por fim ficou sob a tutela coletiva. Ou seja, todas e todos membros criadores do perfil têm acesso a ele como moderadores.

4.4. O DESENVOLVER DAS OFICINAS E AS VOCES JUVENIS

As oficinas, cada uma com sua linguagem, tinham por definição abordar alguma temática pré-definida que pautasse uma linha de

reflexão crítica e criativa sobre a vida na comunidade de Cachoeira Seca. Tais temáticas variaram desde trabalho e educação a meio ambiente e família, tendo como foco uma questão central: o que é ser jovem?

Dentro desta perspectiva e querendo sempre buscar as respostas das e dos jovens para tal questão, ouvimos muitas e variadas respostas para o que é e também como é ser jovem em Cachoeira Seca. Foi latente o descontentamento daquelas e daqueles jovens com a fase etária que se encontram. Durante a oficina de rádio, quando foram, de fato, indagados sobre o que é ser jovem a resposta mais positiva que obtivemos foi um monossilábico “bom”. As demais impressões e respostas versavam em sua grande maioria para a questão da falta de lazer e, sobretudo, a responsabilidade com os estudos, que para a grande maioria é um empecilho, tendo em vista que ao terem que estudar não podem trabalhar e ganhar seu próprio dinheiro, o que, na localidade é muito acessível. Jovens de Cachoeira Seca vêm a escola como um entrave para o seu desenvolvimento como trabalhadores na confecção do jeans — o que mantém famílias locais em um razoável nível econômico. Esta é uma experiência de vida singular, que os distancia de outras formas de juventude se confrontadas com realidades dali mesmo do semiárido, como jovens que vivem no centro do município de Caruaru e não têm a inserção na indústria têxtil. Para estes, o estudo e o caminho para cursos técnicos ou universitários são o horizonte mais almejado — num alinhamento mais evidente com as perspectivas das famílias brasileiras hoje, forjadas pelas vivências globais de uma sociedade em redes.

Retomando Benjamin (1985), a experiência e a vivência em muito se diferenciam, uma vez que experiência implica em viver um ato e em narrar este ato, em consequência do mesmo —verbo— para compartilhá-lo atribuindo-lhe um valor coletivo. Vivência, ao contrário, é a capacidade de tomar conhecimento, analisar e ainda sentir um ato (alheio) sem precisar cometê-lo. É basicamente o que proporcionam os meios de comunicação em larga escala e as realidades virtuais. É a linguagem em que são alfabetizados as/os jovens das últimas gerações, em jogos que simulam morte, competição, tiros, atropelamentos.

Marcondes Filho (1993, pp. 19-20) analisa o predomínio da vivência, da vida ficci-

onal ingerida através dos meios massivos de comunicação e informação em detrimento de uma vida de fato vivida, experimentada, classificandoa como “domínio pleno do verbo” enquanto entidade autônoma que “efetivamente assassinou o ato e as coisas em que se baseava”. Para o autor, “O discurso parece delírio. Parece que desprendemo-nos da materialidade de nossa existência e sentimos que só há realidade no imaginário, no mundo fictício das nossas produções comunicacionais”. Em Marcondes Filho temos a denúncia da ditadura do verbo, do discurso, o que faz pensar sobre uma preponderância discursiva na formação atual das identidades: “O mundo do final do milênio parece, mais do que em qualquer outra época, dominado completamente pelo verbo. Isso provocou uma virada extraordinária nas referências já que o verbo (...) hoje existe em si, enquanto ‘significante’, no dizer dos lingüistas, só, desprendido dos fatos que lhe deram origem”.

O mais grave nessa ditadura do discurso, do verbo sobre o ato, em particular quanto à questão das identidades, não é a existência autônoma do verbo em si, mas a perda da autonomia dos sujeitos, ex-donos do ato, agora prisioneiros do discurso ficcional, uma vez que não se fala sobre algo que se tenha vivido. “Qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?”, perguntava Walter Benjamin (1985). E qual valor de todo aparato tecnológico que construímos, dos mercados que conquistamos, das inúmeras possibilidades de vivência que desfrutamos, se com tudo isso perdemos a solidariedade, a paixão, a emoção da vida em comum, comunitária?

Nessa perspectiva de reflexão quanto à predominância do discurso sobre o ato e da experiência sobre a vivência, analisamos duas entrevistas realizadas de modo semi-estruturado e aleatório e já no último mês de atividades em Cachoeira Seca, para trazer à tona elementos que constituem a vivência/experiência identitária das e dos jovens locais. Indicamos os entrevistados como jovem 1 e jovem 2. Ambos têm 14 anos e pertencem a famílias que possuem uma história de

vida na comunidade — a situação mais corriqueira, de fato, no local, apesar das famílias recém chegadas, levadas pelas atividades de confecção.

Jovem 1 e jovem 2 vivem em casas com cinco ou seis pessoas, são estudantes, recebem auxílio governamental conhecido como Bolsa Família² e trabalham na costura de jeans. Consideram boa a vida em Cachoeira Seca, mas se remetem à cidade de Caruaru como mais interessante — o que fica manifesto, também, na figura 4, em que, ao serem convidados a fotografar a comunidade, jovens de Cachoeira Seca registraram imagens que mostram os cenários não habitados da localidade, virando-se de costas para a comunidade.

Na perspectiva configuracional, esse espaço não habitado, que identifica Cachoeira Seca como área rural —a despeito das demais formas de vida no local— faz parte da vida e da identidade relacional das e dos jovens moradores, pois constitui parte de suas experiências e visões de mundo. Pode ser o refúgio ou a reserva que a cidade não oferece e que, para elas e eles está ali à mão. Também é, no entanto, um reflexo da identidade relacional que se faz sob a base do consumo (Canclini, 1995). As/os jovens de Cachoeira Seca veriam Caruaru como um duplo espelho no qual as imagens da agitada e cheia vida urbana expõe a calma e vazia vida oferecida nos cenários *rurais* da localidade. Como as/os jovens de Cachoeira Seca lidam com esta frágil imagem de si que a identidade relacional construída numa sociedade em redes e forjada no consumo?

Para jovem 1, “Não mudaria nada, está bem do jeito que está”, sobre a vida em Cachoeira Seca, no que concorda jovem 2, que costuma “arrumar a casa, dormir e assistir televisão” em seu tempo livre. Ambos mencionam a piscina do clube local como espaço para diversão e lazer, e o consumo da produção de frutas e verduras nas hortas familiares como pontos positivos da vida na comunidade. Por outro lado, reclamam da falta de serviços como “delegacia, hospital, colégio” (jovem 1) e “shopping” (jovem 2). O

² Conforme Ministério do Desenvolvimento Social/Governo do Brasil “O Bolsa Família é um programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o país. O Bolsa Família integra o Plano Brasil Sem Miséria, que tem como foco de atuação os milhões de brasileiros com renda familiar per capita inferior a R\$ 77 mensais e está baseado na garantia de renda, inclusão produtiva e no acesso aos serviços públicos.” Recuperado de <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>

Figura 4. Olhar “de costas” para a comunidade

Fonte: Oficina de fotografia. Click do grupo de jovens Só Nós

telefone —e mais sensivelmente, o celular— é apontado por ambos como o recurso mais necessário na sua vida. Mesmo numa comunidade de pouco mais de dois mil habitantes, em que a conversa direta está mais acessível do que nos grandes centros urbanos, ambos apontam o celular como a primeira maneira de comunicação local — seguida da conversa interpessoal e das redes virtuais Facebook e WhatsApp. Para resolver um problema comum a todos, o caminho, para jovem 1 é “ligar para a rádio”, enquanto jovem 2 responde que não sabe, porque “não há reunião” na comunidade.

As informações trazidas na voz de jovens de Cachoeira Seca apontam para o que Geertz (2001, p. 68) denomina de “processo de suavização do contraste cultural”, ou seja, as diferenças entre culturas, seus *habitus* e valores são cada vez menores num mundo em redes digitais. De fato, qualquer cidadão da aldeia global atual mencionaria a falta de um shopping como problema e o celular como solução. Assim como os serviços médicos, educacionais e de segurança estão no topo de todas as listas de demandas sociais — aparecem nas manifestações recentes em todo o mundo desde 2011 e, no Brasil, desde as manifestações contra Copa em 2013. Ainda conforme Geertz (2001, p. 68), “aprender a compreender diferenças mais sutis”, ou vencer o etnocentrismo, é o desafio que se

coloca hoje para o estudo e a ação social em comunidades em sua alteridade — na perspectiva da troca de saberes e de uma prolifera interpretação das intertextualidades.

5. CONCLUSÕES

As identidades culturais, locais ou globais, ou seja, as características peculiares e específicas que cada povo produz em seu viver, têm se constituído num alvo potencial da massificação capitalista. Essa massificação centrada num consumismo crescente e descartável acaba por aniquilar diferenças e diluir identidades. Quando se deixa de pensar em tempo e espaço e passa-se a considerar a velocidade com que as mercadorias e os bens culturais podem alcançar novos consumidores — não importando onde estão e o que farão de seus objetos de consumo— estes bens e mercadorias perdem seus valores e referenciais simbólicos.

Se o lugar e os grupos sociais perdem suas dimensões na formação das identidades, seja via consumismo ou outro fator exógeno que as sufoque, o indivíduo perde suas referências culturais e sociais. As etapas seguintes a essa perda podem ser: buscar novos valores em outros e diferentes grupos; agir mecanicamente, impulsionado pelo instinto de vida e guiado pelos valores do capitalismo consumista; apegar-se exageradamente a va-

lores pontuais, que propiciam possibilidades de resultados visíveis, imediatos, de pertencimento e acolhimento provisórios; criar uma geração com completo desconhecimento de uma vida socio-cultural alicerçada em valores comunitários e na interpessoalidade; assumir com nostalgia um isolamento auto-imposto; buscar não um simples retorno às raízes, mas uma forma de vida comunitária consciente e renovada.

Estes são alguns dos caminhos que vislumbramos como conseqüências não lineares da perda das identidades culturais locais. Por considerá-los quase todos —exceto a renovação consciente da vida comunitária— degradantes e agressivos ao humano, e uma vez que não é possível prever ou direcionar os rumos das sociedades informatizadas, tecnificadas e massificadas, acreditamos na relevância do revigoramento das identidades culturais locais no que têm de cons-

trutivo e humanizador. Seu estudo visa conhecer e compreender tal potencial e indicar instrumentos para construção de políticas culturais coerentes. Não se trata de políticas gratuitamente direcionadas para um mundo globalizado e uma cultura mundializada, mas voltadas para a produção de um cotidiano crítico e criativo pelos e para os sujeitos jovens contemporâneos.

Destacamos, ainda, a preocupação com o lazer nos grupos populares e para suas jovens e seus jovens, nesta sociedade que vem se configurando como tecnificada. Um lazer como espaço de desenvolvimento dos sujeitos, entendido como forma de comunicação e interação social e cultural, de interrelacionamentos, de construção cotidiana de visões de mundo críticas e criativas, de experiências locais e coletivizantes, numa escala mais humana que a ditada pela técnica e pelo mercado de consumo capitalista.

Referências Bibliográficas

- Abramo, Helena (1997). Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, 5-6, 25-36. Recuperado de http://anped.org.br/rbe/numeros_rbe/revbrased6_5.htm em novembro de 2014.
- Bauman, Zygmunt (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Benjamin, Walter (1985). *Obras escolhidas* (Vol. 1). São Paulo: Brasiliense.
- Bourdieu, Pierre (2011). *A distinção*. Porto Alegre: Zouk.
- Canclini, Nestor G. (1995). *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Castells, Manuel (2002). *A sociedade em rede*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Castro, Mary García, Abramovay, Miriam, e De Leon, Alessandro (2007). *Juventude: tempo presente ou tempo futuro?* São Paulo: GIFE.
- Elias, Norbert (1970). *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70.
- Elias, Norbert, e Scotson, John (2000). *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro, J: Zahar.
- Estanque, Elísio (2014). *Rebeliões de classe média? Precariedade e movimentos sociais em Portugal e no Brasil* (2011-2013). *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 103, 53-80. Recuperado de <http://rccs.revues.org/5540>
- Fals Borda, Orlando (1981). Aspectos teóricos da pesquisa participante. Em Brandão, Carlos Rodrigues (Ed.), *Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense.
- Geertz, Clifford (1997). *O saber local*. Petrópolis: Vozes.
- Geertz, Clifford (2001). *Nova luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Hall, Stuart (2011). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Marcondes Filho, Ciro (1993). *Jornalismo fin-de-siècle*. São Paulo: Scritta.
- Martín-Barbero, Jesús (1995). América Latina e os anos recentes. Em Mauro Wilton de Sousa (Org.), *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense.
- Mauss, Marcel (2008). *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70.
- Ortiz, Renato (1995). Modernidade e cultura. Em Mauro Wilton de Sousa (Org.), *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense.
- Pais, José Machado (1990). A construção sociológica da juventude - alguns contributos. *Análise Social*, 25 (105-106), 139-165.
- Santos, Boaventura de Sousa (2010a). *A gramática do tempo* (3ª ed). São Paulo: Cortez.
- Santos, Boaventura de Sousa (2010b). Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Em Boaventura de Sousa Santos, e Maria Paula Meneses (Org.), *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina.
- Santos, Boaventura de Sousa (1997). *Pela mão de Alice*. São Paulo: Cortez.
- Santos, Milton (1994). *Técnica, espaço, tempo*. São Paulo: Hucitec.
- Souza, Carmem Zeli (2004). Juventude e contemporaneidade: possibilidades e limites. *Última Década*, 20, 47-69.
- Spenillo, Giuseppa, 2014. Juventudes, tecnologias, informação e conhecimento: discutindo caminhos epistemológicos. *Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE / Departamento de Ciências Sociais da UFRPE – a. II, v. II, n. 2* (jul - dez. 2013)- Recife: EDUFRPE, 2014, p. 09-27.
- Thiollent, Michel (1988). *Metodologia da pesquisa-ação*. Rio de Janeiro: Cultrix.
- Velho, Otávio (1995). *Besta-fera*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Giuseppa Maria Daniel Spenillo doutorada em Ciências Sociais pelo CPDA/UFRRJ. Docente do departamento de Ciências Sociais e do programa de pós-graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (POSMEEX) na UFRPE. Coordenadora (2008-2013) do curso de Ciências Sociais/UFRPE. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação, direitos, cidadania e mudanças sociais (COMUDI), certificado no CNPq. Em 2014 desenvolveu um estágio de pós-doutoramento no CES/UC sobre juventudes, tecnologias digitais e emancipação.

Contacto: gspenillo@yahoo.com.br

Tiago Eurístenes Rocha da Silva, graduado em Ciências Sociais pela UFRPE. Atuou no programa de iniciação à docência entre 2008 e 2009 junto à disciplina Sociologia da Comunicação. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação, direitos, cidadania e mudanças sociais (COMUDI).